

Pound Radiotraidor (um dossiê)

pois a livre fala sem a livre fala no rádio é zero.¹
-Canto LXXIV (dos Cantos Pisanos)

Ontem as pestes dos meus amigos deixaram aqui um maldito rádio. De presente. Maldita invenção dispersiva e destrutiva mas que precisa ser encarada pelo teatro e não apenas pelo cinema. Quem conseguir sobreviver ao rádio poderá fortalecer sua vida interior, mas ele irá reduzir o grosso da macacada e os vermes à passividade.

Carta de Ezra Pound a Ronald Duncan² (31.3.1940)

O rádio é a última liberdade de expressão que sobrou.

- transmissão de 28.6.1942

Uma possível história das conexões da literatura com a radiofonia daria lugar de honra às figuras de Ezra Pound, Walter Benjamin e Samuel Beckett (a cuja peça *Fim de Jogo* Pound assistiu já no fim da vida, tendo comentado sobre o personagem principal "*c'est moi dans la poubelle*"...)³. Dos três, foi Pound quem

* Mestre em Letras pela UCLA —Universidade da Califórnia (Los Angeles). Membro da equipe de tradutores do Projeto História Comparativa das Culturas Latino-Americanas da Universidade de Toronto.

1 Na tradução de José Lino Grünewald

2 Ronald Duncan (1914-1982), poeta e dramaturgo inglês, foi durante anos amigo e correspondente de Pound.

3 *Ezra Pound: American Odyssey*. Transcrições inéditas de entrevistas com Olga Rudge e Mary de Rachewiltz feitas durante 1981 e 1982 pelo New York Center for Visual History para o filme com este título.

manteve com o veículo o mais notório e controvertido dos relacionamentos. No melhor espírito ideográfico de citações, fragmentos e traduções, o presente texto visa a traçar um resumo das atividades radiofônicas de Pound durante a Segunda Grande Guerra.

Alguns anos antes da *débâcle* que viria a ser sua série de transmissões radiofônicas pela Rádio Roma do Minculpop (como era conhecido o Ministero di Cultura Popolare do governo de Mussolini), Pound já fizera (em 1935, sete anos portanto antes das referidas transmissões) uma estréia inauspiciosa e quase despercebida no novo meio de comunicação, como podemos constatar através de lacônica correspondência a Agnes Bedford⁴: '*Transmissão de Roma no dia 11 [de janeiro] ondas curtas para os E.E.U.U. da qual não se ouviu muita coisa na Oropa.*'⁵ E, ainda: '*Eu disse algumas palavras mas os rapazes aqui não avisaram os meus amigos, por isso acho que posso não ter sido ouvido por ninguém a não ser talvez uma mocinha na Broadway.*'⁶

Encontra-se disponível desde o final dos anos setenta (em *Ezra Pound Speaking: Radio Speeches of World War II*) uma transcrição parcial das transmissões em ondas curtas feitas a partir de Roma entre 7 de dezembro de 1941 e 25 de julho de 1943 (aproximadamente cento e vinte e cinco programas, embora algumas fontes estimem o total em cento e oitenta). As transcrições foram feitas a partir das gravações do serviço de monitoramento dos Arquivos Nacionais em Washington. Nelas, Pound se dirige a ouvintes americanos (incluindo-se aí as tropas americanas) e a eles fala sobre um repertório de assuntos tipicamente eclético, desde seus próprios Cantos até (principalmente) a situação político-econômica mundial. Para além de seu discurso político, porém, são as teorias econômicas que constituem seu interesse mais particular. A combinação destes com um venenoso anti-semitismo e a crença progressivamente paranóica de que os males do mundo resultavam de: uma conspiração internacional dos judeus são, para o poeta, obsessões que já aparecem no famoso Canto XLV ("Com usura"), o qual, segundo Humphrey Carpenter, seria um poema magnífico, quase impecável, "não fosse o fato desconcertante de que é também um hino a uma obsessão".

4 Agnes Bedford (1892-1969) foi a grande "consultora musical" e amanuense de Pound. Ajudou o poeta em seu trabalho sobre a música dos trovadores e na composição de suas óperas *Le Testament de Villon* e *Cavalcanti*.

5 Carta para Agnes Bedford, 22 de janeiro de 1935

6 Em *Agenda* (número especial dedicado a Ezra Pound), n.º. 17, 1979.

Não pode haver a menor dúvida de que Pound queria (e deveria) ser levado a sério como pensador e teórico da economia - o imenso número de textos que produziu sobre economia e temas relacionados (as teorias de A.R. Orage, o crédito social, o major C.H. Douglas, Silvio Gesell, e outros)⁷ vinham sendo publicados desde o início dos anos trinta. Eles culminam em *Jefferson e/ou Mussolini* (de 1935) e nas transmissões propriamente ditas. Suas teorias econômicas (bem como sua relação com o fascismo italiano) são minuciosamente examinadas por Tim Redman em *Ezra Pound and Italian Fascism*.

Ainda segundo Humphrey Carpenter, “Além de seu poder propagandístico, Pound reconhece desde cedo o potencial dramático do veículo.”: *‘De todo modo, o que o drama e o teatro foram, o rádio é. Possivelmente, sua correta utilização (mais concisão e clareza do que a palavra impressa) poderá impedir a escrita difusa. A ausência de sentido da palavra impressa até que chegue à finalidade? Também os progressos histriônicos da locução. E a chance em um milhão de que a audição possa se desenvolver: pelo menos até o ponto em que se consiga desenvolver uma capacidade para distinguir nas vozes a falsidade.’*⁸

Quando Pound começa a ouvir rádio regularmente percebe que antecipara o efeito do veículo. *‘Antecipei o raio da coisa no primeiro terço dos Cantos (a montagem de diferentes vozes, tendo conseguido escrever os Cantos de John Adams, um monólogo para uma única voz) ‘e pude fazer [os Cantos] 52/71 porque eu era o último monólito sobrevivente que não tinha uma droga de um rádio em casa...’*⁹ Agora compreendia que não seria prático ignorar o novo meio de comunicação.

7 As teorias econômicas de Pound e o teor geral de suas palestras radiofônicas têm uma origem comum no Plano de Crédito Social do Major C.H. Douglas e na doutrina de “dinheiro livre” do economista Silvio Gesell (1862-1930). Gesell propôs a eliminação de rendas que não proviessem de trabalho remunerado, tais como juros e aluguel, bem como a criação do *Schwundgeld* (literalmente, “dinheiro que encolhe”) que perderia semanalmente 0.1% de seu valor nominal sob um sistema de preço controlado. O dinheiro “livre” não poderia ser retirado do mercado, deixando, assim, de render juros básicos. Douglas atribuía a culpa pela miséria-em-meio-à-fatura e os ciclos de boom e depressão econômica ao controle e crédito da produção por um punhado de financistas. Acreditava na formação de uma grande holding de títulos (algo como uma United States Incorporated, por exemplo) a partir da qual seria computada a riqueza nacional. Sobre ela, todos os cidadãos receberiam mensalmente um dividendo nacional. Com o controle de preços, salários e lucros, e mais a demanda de consumo, o dividendo nacional passaria a ser a diferença entre a produção e o consumo. Gesell propôs, ainda, uma distribuição equitativa e imparcial do crédito social e a manutenção do setor privado sob um sistema de lucros controlados.

8 Carta a Ronald Duncan, 31 de março de 1940

9 *Idem*

São essencialmente intraduzíveis os efeitos de qualquer transcrição fonética de Pound ao microfone – a mistura de sotaques regionais absurdos e intencionalmente exagerados que caracteriza a quase-totalidade da vastíssima correspondência do poeta parece ter sido, a uma só vez, a principal característica sonora e a persona-mor de sua *performance-loucução*. A chinesa de “A mulher do mercador do rio: uma carta”, o colérico Bertrams de Born de “Sestina: Altaforte”, Propércio, Malatesta, Jefferson, Adams e o vasto universo de personagens dos Cantos dão lugar ao matuto que destila seu veneno contra os judeus e faz apologia a Mussolini e aos seus teóricos de estimação (Douglas, Gesell, e companhia). O irritante “*cracker-barrel sage*” (sábio de uma típica cidade do interior dos Estados Unidos) que vinha substituindo as muitas máscaras do poeta desde o final dos anos vinte se instala permanentemente como persona predileta.

Trechos de *A Serious Character* de Humphrey Carpenter ¹⁰

Ele se aproximava do microfone do mesmo modo que lidava com qualquer arte ou assunto desconhecido: como algo que pudesse ser dominado da noite para o dia, contanto que fosse suficientemente crítico de seu próprio trabalho. Não havia necessidade de recorrer aos chamados profissionais. Quando os técnicos do estúdio, lutando para ajustar seus decibéis imprevisíveis que iam do sussurro ao grito, lhe pediam que mantivesse um ‘*tom de voz mais constante*’, ele respondia que, se estivesse falando muito baixo, eles deveriam tentar ‘*aumentar a corrente*’. ¹¹ Não se deixava impressionar pela técnica... [...]

Suas palestras deveriam durar cerca de dez minutos mas, como não eram transmitidas ao vivo, ele podia, se quisesse, variar um pouco a duração. Enquanto as preparava, folheava os jornais italianos e ouvia qualquer emissora de rádio estrangeira que conseguisse tolerar. ‘Definitivamente tentei pegar Londres,’ disse ele em uma de suas palestras, ‘mas com a passagem do tempo ouço Londres cada vez menos.’ ¹² Fora do ar falava da ‘merda da BIC’. [...] ¹³

10 Os trechos são do capítulo 20 “Europe Calling! Pound Speaking!” (“A Europa chama! Fala Pound!”) que detalha a história das transmissões radiofônicas.

11 Carta a James Laughlin, 18 de junho de 1941

12 Em *Agenda* (número especial dedicado a Ezra Pound), n.º. 17, 1979.

13 Em Catherine Seelye (org.), *Charles Olson and Ezra Pound*, Grossman, 1975.

Ao escrever os roteiros, dizia que sua principal intenção era induzir seu público a ‘ouvir informação histórica para compreender o fascismo e como vencer os financistas’.¹⁴ Dizia que não se podia chamar a isto de propaganda, ou pelo menos não de propaganda oficial: ‘Não estava mandando propaganda do Eixo e sim de mim mesmo.’¹⁵ Certamente nem o Minculpop nem a equipe da estação lhe deram mais do que um mínimo de orientação sobre conteúdo temático. Daí produziu a *mélange* poundiana de sempre sobre atualidades, ‘espelhos partidos’ de suas leituras e reflexões, códigos prediletos, nomes conhecidos e idéias-padrão. [...]

Ele afirmava não apenas que cada palestra se encaixava numa forma perceptível, mas que havia também uma seqüência de idéias que atravessava toda a série, que ‘a conversa de fevereiro coadunava-se com a de abril’.¹⁶ Em verdade, embora certos temas viessem à tona e continuassem a reaparecer durante várias semanas, estes geralmente desapareciam para dar lugar a novas preocupações. Argutamente, ele percebia que, ao microfone, uma performance excessivamente suave seria fatal: ‘Nada solene ou formal irá prender o ouvinte americano. Se eu não soar meio pirado ou desconexo, eles simplesmente girarão o dial para ouvir a próxima canção cômica, dança ou novela. Daí os dialetos americanos etc.’¹⁷ Pôde enfim fazer com a voz aquilo que há anos já vinha fazendo no papel; e sua performance foi verdadeiramente espetacular. [...]

Por vezes comete um pequeno lapso e se corrige; muitas vezes é difícil distinguir os nomes que cita, mas, de um modo geral, é uma performance magistral. A voz é claramente colocada – os erres absurdamente enrolados ajudam a projetar as palavras por cima da má qualidade da transmissão de ondas curtas, e por isso o efeito final é bem melhor do que o de um locutor profissional – e o estilo intimista perfeitamente adaptado ao estilo da “*fireside chat*” (conversa ao pé da lareira) de Roosevelt. Nos Estados Unidos, alguns de seus ouvintes se declararam pasmos ante o número, observando que os sotaques por ele adotados eram simplesmente uma espécie de ‘americanês teatral’: “quan-

14 Em *Agenda* (número especial dedicado a Ezra Pound), n.º. 17, 1979.

15 Em C. David Heymann, *Ezra Pound: The Last Rower*, Viking/Faber and Faber, 1972.

16 Em *Agenda*, *op. cit.*

17 *Idem*

do lanqui”, escreveu Charles Norman, “mais nasal do que qualquer coisa jamais ouvida ao norte de Boston, quando do Oeste, mais arrastado do que qualquer sotaque a oeste do Mississippi.”¹⁸ Mas, por si só, a absurdidade já servia para atrair ouvintes. [...]

Trechos de *Ezra Pound and Italian Fascism* de Tim Redman¹⁹

Em carta de 6 de fevereiro de 1941 a Adriano Ungaro do Minculpop (*um liberal italiano que teve a coragem de rubricar minhas transmissões*)²⁰, Pound discute alguns problemas em atrair ouvintes para suas transmissões e lhe pede conselhos sobre a redação de roteiros. Pergunta se deve *‘redigir roteiros com calma e detalhes / ou deixar a raiva ferver?’* Nesta carta, bem como em outras, ele demonstra estar consciente dos problemas especiais apresentados pelo novo meio (o rádio de ondas curtas) e de suas próprias emoções: *‘Aqui de volta, rascunhei uma meia dúzia de pequenos discursos / agorinha mesmo ‘fervi’ / em suma, uma tal raiva a tornar-me quase indecifrável.’* [...]

Às vezes o próprio poeta redigia as chamadas para seu programa, como vemos a seguir: “Hoje, às 16h15, Ezra Pound, o poeta americano que vive expatriado e feliz na Europa, discutirá os limites da compreensão humana pelas ondas curtas do rádio italiano. Falando democraticamente, ele é um calhorda, mas em termos acadêmicos é um belo exemplo de um americano totalitário”.²¹

Dos cento e vinte discursos reproduzidos em *Ezra Pound Speaking: Radio Speeches of World War II*, trinta e um são nitidamente anti-semitas. Com isso quero dizer que vão além de eventuais xingamentos (embora, obviamente, o xingamento em si possa indicar o preconceito racial ou religioso) para fazer declarações ofensivas sobre os judeus sem qualquer ambigüidade. Apesar de existirem declarações relativamente freqüentes de que ele não está se referindo aos “pequenos judeus” mas sim aos “sessenta Kikes (expressão pejorativa para designar o judeu) que provocaram esta guerra,” (transmissão de 30 de abril de

18 Em Charles Norman, *Ezra Pound*, Macmillan, 1960.

19 Os trechos são do capítulo 7 (“The Second World War”).

20 Relatório psiquiátrico de 14 de Janeiro de 1946 do Dr Jerome Kavka sobre Ezra Pound, Hospital St. Elizabeth.

21 Carta para Adriano Ungaro, 6 de fevereiro de 1941

1942), esta distinção se perde na maioria de material tão evidentemente anti-semita. Embora Pound tenha continuado a ser um tanto ou quanto ambivalente sobre seu anti-semitismo, tendo mesmo feito tentativas ocasionais de evitá-lo, as transmissões radiofônicas deixam claro que a usocracia que ele tanto detestava era dominada, em sua mente, por judeus. Numa “brincadeira séria”, Leonard Doob [organizador do volume de transcrições das emissões] chama os discursos de “Cantos dos pobres”, já que neles se encontram tantos elementos do *magnum opus* poundiano. Rejeitamos esta percepção pois, na verdade, os discursos constituem uma leitura dolorosa e perturbadora.

Pound estava ciente dos problemas de audiência, pelo menos enquanto estes eram colocados pelo novo meio do rádio. No entanto, muitos de seus textos continuavam a ignorar os problemas que seus ouvintes poderiam ter com aquilo que ele estava tentando dizer. Além do anti-semitismo, outra característica das transmissões é sua freqüente incoerência. Mesmo conhecendo as referências poundianas e seu estilo obscuro, elíptico e difícil, minha impressão de uns vinte discursos é de que são parcial ou completamente incompreensíveis: incoerentes, truncados, sem nexos e quase impossíveis de acompanhar. E se foram estas as dificuldades experimentadas por um leitor conhecedor da obra de Pound, pode-se imaginar o quão inacessíveis teriam sido os discursos para o ouvinte que lidava, inclusive, com problemas de recepção do rádio de ondas curtas.

Os discursos como um todo não comunicam devido à falência da retórica por parte de Pound. A persona por ele adotada, uma espécie de sabe-tudo e filósofo caseiro afetando um sotaque americano imaginário, não é uma persona que qualquer ouvinte acharia consoladora. O contexto no qual os discursos foram pronunciados, vindos da rádio oficial de um país inimigo, não inspiraria confiança numa audiência americana. As estratégias de persuasão de Pound são ingênuas ou inexistentes: ele não expõe seu raciocínio nem seus argumentos; apenas suas conclusões. Não parece ter noção de quem seja seu público e por vezes reconhece estar transmitindo para uma elite; em outros momentos, parece estar tentando apelar para uma audiência maior de ‘verdadeiros americanos’, contando uma versão da História americana que acredita ser do interesse de um grupo de descendentes, como ele próprio, de pioneiros. No entanto, ele não leva em consideração a limitada receptividade ao ponto de vista oposto que os americanos tinham durante aquela guerra, quando existia uma inédita união nacional concentrada em alcançar a vitória. Acres-

cente-se a tudo isto a incoerência e as referências obscuras de muitas das transmissões e fica difícil acreditar que tivessem algum efeito. Pound falava para o nada; sua boca mordida o ar vazio.

Apesar de tudo isso, as transmissões são ocasionalmente perceptivas e por vezes representam uma capacidade de julgamento político amadurecida e um aprofundamento de seus *insights* econômicos. Elas contêm algumas idéias dignas de mérito sobre os limites do poder presidencial norte-americano, sobre a política externa americana (“*Nós prometemos [a eles] a independência [das Filipinas], e a sua jeira em nossa composição nacional nos impede de manter a promessa. Nossa conduta como nação para com várias ilhas, o que dirá com repúblicas sul-americanas, NÃO É exatamente o motivo da nossa fama*” [transmissão de 16 de abril de 1942]) e sobre a transmissão das sessões do Congresso americano pelo rádio. Porém [...] o grau de insensatez e irracionalidade encontrado poucas vezes em qualquer outra parte da obra poundiana faz com que sua leitura seja uma tarefa desoladora e melancólica.

Em 26 de julho de 1943 o indiciamento *in absentia* de Ezra Pound (e mais sete americanos) por rádio-traição foi o primeiro juízo deste tipo a ser emitido por um tribunal americano. O julgamento e a condenação aconteceriam após o término da guerra

O indiciamento de Pound diz que “em Roma, Itália e outros lugares do território do Reino da Itália o réu, Ezra Pound, cidadão dos Estados Unidos, pessoa que deve lealdade aos Estados Unidos, em violação de seu dever de lealdade, conscientemente, intencionalmente, propositadamente, ilicitamente, criminosamente, traiçoeiramente aderiu aos inimigos dos Estados Unidos, a saber, ao Reino da Itália, seus conselheiros, exércitos, marinhas, agentes secretos, representantes e súditos com os quais os Estados Unidos têm estado em guerra em todos os momentos desde 11 de dezembro de 1941”.²²

Ainda por vir estavam o campo de detenção onde escreveria os extraordinários Cantos Pisanos, o prêmio Bollingen, os dezesseis anos no manicômio de St. Elizabeth, o regresso à Europa (onde viveu por um tempo no castelo de sua filha Mary) e o retorno final à Itália, onde os últimos anos do poeta foram de silêncio e depressão.

22 Em Heymann, *op. cit.*

Trechos das transmissões radiofônicas

LOCUTOR: Seguindo a tradição da hospitalidade italiana... a RÁDIO ROMA ofereceu duas vezes por semana ao Dr. Ezra Pound o uso de seu microfone. Fica claro que dele não será exigido que diga qualquer coisa que vá contra sua consciência ou que seja incompatível com seus deveres de cidadão dos Estados Unidos da América.

1941

Nada pode salvar vocês exceto uma afirmação de que são ingleses. O putro Belisha não é. Isaacs não é. Em termos raciais, nenhum dos Sassoon é inglês. Nenhum dos Rothschild é inglês... nenhum Baruch, Morgenthau, Cohen, Lehman, Warbugh, Kuhn, Khan, Schiff, Sieff ou Solomon jamais nasceu anglo-saxão. E, no entanto, é por essa imundície que vocês lutam.

1942

Os Estados Unidos estão há meses, ilegalmente, em guerra através do que considero serem os atos criminosos de um presidente cuja condição mental não era, pelo que pude constatar, tudo que se poderia ou deveria desejar de um homem em cargo ou posição de tamanha responsabilidade.

Vocês estão em guerra enquanto isso der prazer aos alemães. Vocês estão em guerra enquanto isso der prazer aos japoneses. Nada no mundo ocidental, nada em todo o nosso ocidente pode lhes ajudar a evitar isso. Nada pode lhes ajudar a evitar isso.

Após anos de roubar o país, de meter a mão no tesouro, anos espumando sobre Mussolini e Hitler, em meados de janeiro Roosevelt aparece com um discurso em que tudo que traz um traço de sanidade é imitação de Mussolini ou de Hitler. Após vinte anos de propaganda judaica, coisas de Lenin e Trotsky, empurrando a História dos Estados Unidos para fora dos colégios, de um louco ódio de inferioridade contra a Europa, o querido velho Delano se sai com um sortimento de idéias no qual dois terços do programa é fascista e onde, naturalmente, fica faltando a parte essencial.

Por vezes perco o fio da meada, tanto que não posso contar com a mente de ninguém. A verdade, como dizem, no discurso.

Cada hora que vocês continuam com essa guerra é uma hora perdida para vocês e para seus filhos. E cada ato são que cometem é cometido em homenagem a Mussolini e a Hitler. Cada reforma, cada solavanco em direção a um preço justo, a um controle de mercado é homenagem a Mussolini e a Hitler. O fato de se sentirem liderados por Roosevelt ou por Churchill não tem qualquer importância. Com cada ato construtivo de seu governo vocês seguem Mussolini e Hitler.

O *melting pot* americano pode ter sido uma experiência nobre, embora eu duvide muito. De qualquer jeito, já era.

Vocês não vão ganhar esta guerra. Nenhuma de nossas melhores mentes jamais imaginou que vocês fossem ganha-la. Vocês nunca tiveram uma chance nessa guerra.

Vocês não deviam estar em guerra contra a Itália. Vocês não deviam nem jamais deveriam ter dado a menor ou mais insignificante ajuda a qualquer homem ou nação que estivesse em guerra contra a Itália. Vocês estão fazendo isso para um sistema de contabilidade falso.

Europa chama... fala Ezra Pound! Ouço dizer que a maioria das minhas idéias são compartilhadas por grande número de meus compatriotas, ou assim parece, ou talvez por um número cada vez maior de meus compatriotas – uma idéia reconfortante nesse belo dia, nesse clima agradável. Detestaria imaginar que toda a América tivesse enlouquecido. Gostaria de poder achar que a raça americana na América do Norte, no continente Norte Americano, tenha um instinto de sobrevivência e que queira um Estados Unidos do amanhã...

Bem, há mais de vinte anos que vocês vem engolindo mentiras, digo isso com toda certeza. E Mr. Squirmy e Mr. Slime²³ continuam a lhes alimentar mentiras pela rádio da BBC, e por cada uma das rádios judias de Schenectady, Nova York e Boston – e Boston já foi uma cidade americana; isso na época em que era um cidadezinha do tamanho de Rapallo...

E de qualquer modo quanta liberdade vocês têm? E quanto ao arsenal – vocês são o arsenal da democracia ou da judiocracia? E quem governa os seus governantes? Onde termina a responsabilidade pública e que raças podem se misturar na América sem que se estrague a matéria prima, o cérebro americano? Quem está organizado? Que parte vocês têm na escolha de seus governantes? Quais os controles sobre sua política? E a quem pertence a maior parte de sua imprensa e seu rádio? É E.P. quem pergunta...

1943

O que é que vocês estão fazendo na guerra? O que é que vocês estão fazendo na África? Quem entre vocês tem a coragem ou o bom senso de fazer algo que lhes conduziria para fora dela antes de estarem endividados até o pescoço ou acima do pescoço? Cada dia de guerra é um dia morto e um dia de morte. Mais morte, mais futuro de servidão, cada vez menos liberdade americana de qualquer espécie...

(Todas as traduções do presente artigo são da autoria de Stephen Berg)

23 Literalmente 'Sr. Escorregadiço e Sr Lodo'

Bibliografia

Carpenter, Humphrey. *A Serious Character: The Life of Ezra Pound*. Boston: Houghton Mifflin, 1988.

Pound, Ezra. *Ezra Pound Speaking: Radio Speeches of World War II*. Organização de Leonard Doob. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1978.

_____. *Selected Letters, 1907-1941*. Organização de D.D. Paige. New York: New Directions, 1971.

Redman, Tim. *Ezra Pound and Italian Fascism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.